

AS CARTAS DO DEMBO CACULO CACAHENDA: UM POUCO DA HISTÓRIA DOS DEMBOS E DA RELAÇÃO DESTE COM AS AUTORIDADES PORTUGUESAS SITUADAS EM ANGOLA (1780-1850)

Daiana Lucas Vieira*

Mestranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora -MG

Resumo: Situados em Angola, principalmente entre os rios Dande e Bengo (Zenza), provavelmente desde o século XVII, viviam povos que possuíam uma organização política e reconheciam como líder os denominados Dembos. Estes líderes ao entrarem em contato com as autoridades portuguesas e com a cultura portuguesa aos poucos foram se apropriando da escrita e do português. A partir de determinado momento as autoridades lusas e os Dembos começaram a se comunicar por meio de cartas. Estas cartas foram transcritas por duas pesquisadoras portuguesas e é hoje a fonte que utilizo para desvendar um pouco da história dos Dembos e da relação deste com as autoridades portuguesas situadas em Angola. O recorte temporal abrange o período de 1780-1850.

Palavras-chave: Dembos; Angola; Correspondências Administrativas.

THE LETTERS OF *DEMBO CACULO CACAHENDA*: A BIT OF HISTORY AND THE RELATIONSHIP OF THIS DEMBOS AUTHORITY PORTUGUESE LOCATED IN ANGOLA

Abstract: Located in Angola, mainly between the rivers Dande and Bengo (Zenza), probably since the seventeenth century, had lived people who had a political organization and recognized as a leader the men called “Dembos”. These leaders to get in contact with the Portuguese authorities and the Portuguese culture were appropriating the writing and the Portuguese Language. From one point the Portuguese authorities and the Dembos has begun communicating by letters. These letters were transcribed by two Portuguese researchers and are today the source I use to reveal a little bit of the history of Dembos and its relationship with the Portuguese authorities located in Angola. The time frame covers the period 1780-1850.

Keywords: Dembos; Angola; Administrative Correspondence.

Considerações iniciais...

Correndo os olhos sobre as estantes da Biblioteca de Letras da Universidade de Lisboa me deparei com um nome que chamou minha atenção “Caculo Cahenda”, naquele instante me fiz algumas perguntas. E ao notar o subtítulo daquele livro “A apropriação da escrita pelos africanos” tive meu interesse enquanto pesquisadora despertado. Poucas vezes durante minha formação ouvi falar em documentação escrita

* Bacharel e licenciada em história pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e mestranda pela mesma instituição. E-mail: daiana-lv@oi.com.br

por africanos no período colonial, porém como é sabido, algumas sociedades africanas integraram a escrita ao seu cotidiano. Ao tirar o livro da estante e começar a folheá-lo vi que se tratava, aparentemente, de cartas sobre assuntos diversos transcritas pelas autoras do livro Ana Paula Tavares e Catarina Madeira Santos. A partir de então a palavra Dembo inquietou meus pensamentos. Desde então, resolvi buscar informações e aproximar-me daquele universo através da leitura das fontes transcritas pelas citadas autoras da obra *Africae Monumenta* e de outras obras que também abordam a temática.¹

A documentação pertencente aos arquivos de Estado dos Dembos foi transcrita pelas autoras o mais próximo possível do original que era um português escrito da forma como se falava, e que se fazia entender aos que liam, e propiciava o estabelecimento de uma frequente comunicação entre as autoridades africanas e entre este e os portugueses. E, além disso, deixava registradas as decisões tomadas pelos Dembos e seus sobas². Entre estes 210 documentos transcritos encontramos correspondências oficiais e pessoais sobre assuntos diversos que datam de 1718 a 1926. Esta documentação esteve na banza³ de Caculo Cahahenda até 1934, período em que foi recolhido e enviado para Lisboa.⁴

Estes documentos foram recolhidos durante as missões etnológicas nos territórios africanos de 1930 que foram realizadas por Portugal, e outras potências coloniais europeias, que tinham a função de salvar do esquecimento documentos que resguardassem a cultura dos “povos primitivos”. Essas missões também teriam o intuito de ajudar na correção dos métodos empregados pelas autoridades coloniais durante o período de colonização destes povos. As missões foram financiadas por instituições culturais oficiais e particulares⁵.

Maria Emília de Castro e Almeida em 1994, reorganizando os papéis de seu pai Antonio de Almeida no Centro de Antropobiologia, que fora dirigido por ele e agora estava sob a direção dela, encontrou alguns documentos que foram recolhidos por seu pai em uma missão, do Ministério das Colônias, no interior de Angola. Sem saber ao

¹TAVARES, Ana; SANTOS, Catarina (Ed.). *Africae Monumenta. A Apropriação da Escrita pelos Africanos, Arquivo Caculo Cahahenda*. Lisboa: Ministério da Ciência e do Ensino Superior e Instituto de Investigação Científica Tropical, 2002. Vol. I.

² O Soba é inferior hierarquicamente ao Dembo, e superior ao Quilamba. Os portugueses utilizavam o termo para designar o chefe da “tribo” africana. Ver: SANTOS, Catarina; TAVARES, Ana (Ed.). Op. Cit. p. 439.

³ O termo Banza designa a povoação onde reside o governo de distrito ou concelho e/ou capital.

⁴ SANTOS, Catarina; TAVARES, Ana (Ed.). Op. Cit. p. 23

⁵ SANTOS, Maria Emília Madeira. **Prefácio**. In: SANTOS, Catarina; TAVARES, Ana (Ed.). Op. Cit. p.12

certo de que se tratava ligou para sua amiga Maria Emília Madeira Santos para que esta lhe ajudasse a identificar tal documentação. Logo percebeu que se tratava aparentemente de documentos escritos por africanos em meados do século XVIII e foi atrás de pistas que lhe ajudasse a identificar melhor aqueles documentos. E assim chegou ao texto de Antonio Almeida, publicado em 1938, *Relações com os Dembos. Das cartas do Dembado de Kakulo Kahenda* que acabou por lhe revelar que se tratava de cartas e/ou correspondências oficiais escritas por africanos que formavam o arquivo de Estado do Dembo Caculo Cahenda⁶.

Mas afinal quem foram os Dembos? Os Dembos eram um tipo de estrutura política de pequena dimensão presente em Angola, principalmente entre os rios Dande e Bengo (Zenza), provavelmente desde o século XVII. Eram povos que possuíam uma organização política e reconheciam como líder os denominados Dembos. Estes dembos (territórios) possuem um nome como, por exemplo: Caculo Cahenda, Cazuangongo, Quibaxi Quiamubemba, entre outros. O Dembo (título) também carregava o nome do território para que se soubesse aonde a autoridade deste é reconhecida, exemplo: Dembo Caculo Cahenda, Dembo Cazuangongo, Dembo Quibaxi Quiamubemba, entre outros mais. Vale lembrar que estes Dembos possuíam um nome próprio já que esta denominação Dembo se refere a um título que é passado para outro sucessor após sua morte ou invalidade para o “cargo”, para melhor ilustrar cito o exemplo do primeiro Dembo Caculo Cahenda que aparece na documentação que temos em mão, ele se chamava Sebastião Francisco Xeque.

Um dos Dembos mais importantes de Angola ficou conhecido como Caculo Cahenda⁷ que se dizia descender do Rei do Congo, era o soba fidalgo dos povos que se situavam desde o rio Dande até o rio Zenza e do vale do Sassa ao leste do M' Bula Atumba⁸. O Dembo Caculo Cahenda só aparece na documentação de Angola em 1615, altura em que o “*governador Manuel Cerveira Pereira avassala pela primeira vez o soba dembo*” que consta como o primeiro dembo de todos os outros dembos da história de Angola.⁹ Já neste período a relação entre autoridades portuguesas e africanas eram consolidadas sobre o contrato de vassalagem. Porém, como veremos mais a seguir

⁶SANTOS, Maria Emília Madeira. Op. Cit.

⁷ Pode-se encontrar as seguintes grafias: Kakulo-Ka-Kaenda, Caculo Cáenda e Caculo Cahenda.

⁸ MAGNO, David. **Guerras Angolanas. A nossa acção nos Dembos**. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1937. p.9.

⁹MAGNO, David. Op. Cit. p.10

esta relação entre os Dembos (chefes) e as autoridades lusas sofrem algumas alterações ao longo do período da colonização.

As outras fontes para se estudar os Dembos...

As relações entre os Dembos de Angola e as autoridades coloniais portuguesas sofreram algumas mudanças durante o período de colonização. Durante muitos anos os Dembos viveram de forma independente sem pagar o dízimo ao governo português. Até 1826 a administração portuguesa mantinha uma boa relação com o dembo Caculo Cachahenda principalmente por este já ter auxiliado as tropas portuguesas em tempos de guerra¹⁰. Porém, com a independência do Brasil em 1822, o fim do tráfico de escravos em 1836-42 e conseqüentemente com a diminuição dos tributos arrecadados pela Coroa portuguesa e com a redução dos territórios dominados por Portugal as autoridades lusas tentam assumir um novo posicionamento perante os Dembos de Angola.

A região dos Dembos era uma região muito cobiçada por Portugal, visto que esta era uma região cortada por rios que possuíam algumas partes navegáveis e dava acesso ao interior de Angola. Os Dembos arrecadavam pesados impostos do comércio mubire com os franceses e ingleses cobrando impostos para que estes pudessem utilizar seus rios e passar pelo seu território com as mercadorias¹¹. E não pagavam tributos as autoridades portuguesas como lhes era determinado por serem vassallos portugueses.

Devido a todos estes fatores apontados acima, depois de 47 anos de independência dos Dembos, as autoridades lusas querem que os impostos sejam pagos a Coroa e os Dembos não aceitam. As autoridades lusas (Governador Geral de Angola e militares do exército português) em meados de 1870 começam a organizar colunas a fim de construir um forte em cada um dos Dembos para que pudessem controlar a região e o pagamento dos tributos¹². Não pretendo neste projeto tentar reconstruir a ação destas colunas nos Dembos já que as fontes principais são as cartas e elas não abrangem a densidade cronológica destas colunas. Além do mais, esse esforço já foi feito por

¹⁰ MAGNO, David. Op. Cit. p.16

¹¹ DIAS, Jill. **Mudanças nos padrões de poder no “hinterland” de Luanda: o impacto da colonização sobre os Mbundu (c. 1845-1920)**. Lisboa: Penélope Estudos, 1994. p.43-91.

¹² MARRACHO, António José Machado. **Revoltas e Campanhas nos Dembos (1872-1919). 47 Anos de Independência às Portas de Luanda**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2008. Dissertação (mestrado)

António José Machado Marracho em uma dissertação de mestrado dedicada somente a ação das colunas¹³.

Aonde quero chegar falando das colunas? É que alguns militares que atuaram nestas colunas e governadores gerais de Angola que presenciaram e planejaram estas colunas escreveram livros registrando suas ações e engrandecendo os feitos da nação portuguesa. Estes relatos foram escritos sem um rigor acadêmico já que como dito são relatos de atuação, onde o que se pretendia era contar o que se passou e ressaltar os feitos em prol da nação. Entre estes relatos podemos citar os de: João de Almeida (militar), Eduardo Balsemão (secretário geral de Angola), Paiva Couceiro (governador), Henrique Galvão (militar), David Magno (militar) e Manuel de Resende (militar)¹⁴.

Estes relatos, citados acima, trazem informações não só da coluna mais também dos Dembos e das relações destes com as autoridades lusas. Informações estas que podem trazer elementos que auxiliem na interpretação das cartas e numa maior aproximação ao “universo” das relações afro-portuguesas.

Quando alguns intelectuais na Europa começaram a querer ler a respeito do Congo ou sobre Angola, e isso em meados do séc.XVIII, dois livros se destacaram *Relatione Del Reame di Congo et delle circonvicine Contrade* do português Duarte Lopes e *Istorica Descrizione de' ter Regni, Congo, Matamba et Angola* do italiano João António Cavazzi de Montecúcolo. Estes livros foram primeiramente publicados na Itália e depois foram traduzidos, ao longo dos anos, em diversas línguas como Holandês, Inglês, Português e Francês. E ainda hoje estes livros são referências para se estudar a história de Angola e Congo¹⁵.

O livro de Cavazzi relata a ação dos padres capuchino de 1645 a 1670 no Congo, Angola e Matamba (antes conhecido como reino da Rainha Jinga) e traz uma descrição minuciosa destes lugares. Descrições ricas nos aspectos geográficos, etnológicos e históricos. Cavazzi esteve na África durante treze anos como missionário capuchino e desta vivencia resulta seu livro¹⁶. Este livro também será utilizado na pesquisa em questão para um melhor entendimento dos aspectos geográficos do terreno onde situava

¹³ Para um maior entendimento da ação das colunas nos Dembos ver: MARRACHO, António José Machado. *Op. Cit.*

¹⁴ Todos se encontram referenciados no final do texto onde são destacadas as fontes.

¹⁵ FARIA, Francisco Leite de. Introdução. In: MONTECÚCCOLO, João (1965). **Descrição Histórica dos três Reinos. Congo Matamba e Angola.** Tradução: Padre Graciano Maria de Leguzzano. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. V. 1, p.12

¹⁶ FARIA, Francisco Leite de. *Op. Cit.* p.13

a região dos Dembos já que o arrecadamento de tributos do Dembo Caculo Cahenda estava relacionado com o posicionamento “privilegiado” de suas terras. Também será importante recorrer a obra de Cavazzi para uma inserção dos Dembos na história de Angola, para que possamos entender qual a importância dos Dembos em Angola, em que momento eles surgem e qual o relacionamento dos Dembos com outros grupo e/ou etnias de Angola como os Mubire, por exemplo.

A historiografia...

Relativamente à historiografia cabe salientar que os primeiros estudos sobre os Dembos, se é que assim podemos chamá-los, foram feitos pelos comandantes militares e governadores portugueses que escreveram seus relatos de atuação em livros. Estou me referindo às obras que destaquei anteriormente, e que considero muito mais como uma fonte primária do que como um estudo de caso. Mesmo assim, merecem destaque os livros do comandante militar David Magno *A Sublevação dos Dembos de 1913 e Guerras Angolanas: a nossa ação nos Dembos* onde o autor deixa claro o espírito destas obras:

*Logo que nos foi possível assentar um pouco o corpo e o espírito de outros trabalhos inerentes aos Dembos, imediatamente nos consagramos a sua história, a qual começamos a achar interessante, a ponto de hoje a considerarmos como uma das mais belas dos diferentes povos de Angola.
É esta a origem da presente monografia, a qual muito mais nos custou a traçar relativamente ao período da nossa ação pessoal [grifos meus], que ali exercemos, bem como das suas consequências, do que acerca de todos os outros obreiros da região.¹⁷*

A obra de David Magno é fundamental para entendermos essa história dos Dembos, principalmente do Dembo Caculo Cahenda, e de sua relação com os representantes lusos, mas não é um estudo histórico desta região e destas relações. Esse mesmo estilo segue os outros relatos portugueses que mencionamos.

Antonio de Almeida, citado no início deste texto, que foi quem recolheu o arquivo de Estado do Dembo Caculo Cahenda, fez um breve texto apresentando a documentação que foi reproduzido na introdução do livro *Africae Monumenta* e que

¹⁷ MAGNO, David. Op. Cit. p.5

elucida como a escrita começa a ser usada nos territórios africanos dominados por Portugal. Maria Emilia Madeira Santos nos conta a história desta documentação a partir do momento da recolha destes até a sua publicação por Ana Paula Tavares e Catarina Madeira Santos. As duas autoras escrevem um artigo para explicar a documentação que estão publicando, mas muito mais voltado para a escrita e linguística do que para a história do Dembo Caculo Cahenda a partir destas cartas. As mesmas ressaltam em seu texto a necessidade de um estudo histórico do Dembo Caculo Cahenda e dos outros Dembos (títulos e territórios).¹⁸

Catarina Madeira Santos escreveu um excelente artigo *ESCREVER O PODER. Os autos de vassalagem e a vulgarização da escrita entre as elites africanas Ndembu* abordando a documentação, no entanto, dando um enfoque principal a apropriação da escrita pelos africanos e a importância que está escrita assumiu para estes povos.¹⁹

Seis anos após a publicação do livro *Africae Monumenta* um novo estudo sobre os Dembos surgiu: *Revoltas e Campanhas nos Dembos (1872-1919)*.²⁰ Uma dissertação de mestrado elaborada por António José Machado Marracho que utilizou o livro como uma de suas fontes. Porém o enfoque são as estratégias de guerra utilizadas pelos portugueses nas campanhas contra os dembos que se iniciaram após a Conferência de Berlim (1884-85) e as fontes principais são os relatos militares.

Há outros artigos, como o de Jill Dias, que acaba por mencionar os Dembos, mas cujo enfoque do texto são outros grupos do interior de Angola.²¹ Talvez tenha sido injusta citando primeiro os relatos militares, a obra de Cavazzi é anterior, porém é uma obra que não trata somente dos Dembos, mas como descreve Angola acaba por abordar a região dos Dembos.

Uma análise das cartas do Dembo Caculo Cahenda: reflexões iniciais

Como mencionamos anteriormente, as relações entre os Dembos de Angola e as autoridades coloniais portuguesas sofreram algumas mudanças durante o período de colonização. Durante muitos anos os Dembos viveram de forma independente sem pagar o dízimo ao governo português. Até 1826 a administração portuguesa mantinha

¹⁸Todos estes textos são encontrados na obra: SANTOS, Catarina; TAVARES, Ana (Ed.). Op. Cit.

¹⁹ SANTOS, Catarina Madeira. *ESCREVER O PODER: Os autos de vassalagem e a vulgarização da escrita entre as elites africanas ndembu*. *Revista de História* 155. 2º semestre 2006, p.81-95.

²⁰ MARRACHO, António José Machado. Op. Cit.

²¹ DIAS, Jill. Op. Cit.

uma boa relação com o dembo Caculo Cahahenda principalmente por ter este auxiliado as tropas portuguesas em tempos de guerra. Porém, com a independência do Brasil em 1822, o fim do tráfico de escravos em 1836-42 e conseqüentemente com a diminuição dos tributos arrecadados pela Coroa portuguesa e com a redução dos territórios dominados por Portugal as autoridades lusas tentam assumir um novo posicionamento perante os Dembos de Angola. A ocupação do interior neste momento também é um posicionamento frente às pretensões de outras potências europeias, como a Inglaterra, a Holanda e a França que comerciavam com os Dembos e também tinham interesse neste território.

A supremacia dos chefes Dembos, nas terras fronteiriças entre o Congo e os Mbundu, residia menos no apoio colonial e mais na sua capacidade de retirar lucro do comércio. Estima-se que os Dembos recebiam armas e possivelmente escravos de aproximadamente trinta chefes mubire independentes residentes em suas terras. Além de receberem impostos de passagens e as taxas de serviços cobradas. Estes rendimentos aumentavam ou diminuía conforme a frequência de barcos que passassem em seus rios e de pombeiros²² que passassem em seus territórios. Logo, os Dembos não queriam qualquer incorporação de suas terras com o território português porque isto os privaria destes rendimentos.

Abaixo transcrevo um trecho da missiva que o Dembo Caculo Cahahenda (título) Sebastião Miguel Francisco Cheque (nome) envia a José Mendes de Camargo (representante luso) em 1825 reclamando do tratamento dado ao seu soba e reafirmando sua posição perante a coroa:

(...)Já tinha capassitado a vms q o nome de preto vem da cor preta e que quando achase a mal representasse a S Ex^a, e não vm sendo meu subd^o paçar a ponte de me reprenender, q^{do} eu podia fazer em vm como mau vassalo, igualmente os outros Dembos com este reparo podia já pedir-me perdão do seu herro, e dava batimento, e não tornar repetir na sua resposta de 3 do corr^e, pois vm pr carta que me escreveo de 29 de Julho da deligencia que lhe emcrrregou o souba Mussengue p^a lhe remeter prezo João Antonio de seu posto Cudibabulle sendo ladino e asiado e calzado o tratou de preto na sua carta q^{to} mais eu que sou governo independente de dever alguma sujeção de dessedente de todos Dembos desta província,

²² Pombeiros são agentes dos aviados para a venda a retalho.

como vm mesmo sabe m^o bem que sou estrangeiro, e negociador onde axar comviniência establishesse, e que sendo as honrra que sua Magestade me faz mersse, pois tem ofendido a sua Magestade, e não a mim.(...)²³

Analisando este trecho da missiva enviada pelo Dembo Caculo Cahahenda podemos perceber que este não tem medo de se posicionar perante as autoridades portuguesas já que ele podia fazê-los de seu vassalo se quisesse de acordo com o que ele diz. Fato que também remete a precariedade militar de Portugal em Angola durante este período.

Merece destaque o uso da palavra calçado pelo Dembo Caculo Cahahenda para mostrar a autoridade lusa, a qual ele remeteu esta missiva, que o seu soba apesar de ser “preto” não poderia ser tratado como tal, visto que este era “asiado” e usava calçado. O uso de calçado dentro de alguns grupos sociais da África, como os mbundos, era um símbolo de poder que permitia aos homens que se auto-intitulassem brancos.²⁴

Ainda podemos comprovar, com a leitura desta carta, o dito anteriormente de que alguns Dembos eram negociantes e estabeleciam o comércio e/ou negócio com quem achasse conveniente. Além disso, podemos perceber que para uma pessoa ser eleita Dembo Caculo Cahahenda ela não precisava necessariamente pertencer à linhagem dos habitantes daquele território, como acontece em outros grupos africanos. Ao que parece, o dembo Caculo Cahahenda incorporava à sua população estrangeiros que quisessem fazer parte dela e viver em seus territórios sob suas condições. O fato de ser estrangeiro não impedia a pessoa de ser eleita Dembo Caculo Cahahenda.

Outra fonte de renda na região dos dembos era o cultivo da terra em pequena escala pelas famílias africanas. O cultivo da terra era combinado com a criação de porcos e galinhas. Estes gêneros cultivados nos dembos podem ser percebidos nas cartas:

*Governo Geral. Província d'Angola e dependências
O Governador Geral da Província d'Angola e suas
dependências Por SUA MAGESTADE FIDELISSIMA
&c.
Conformando-me com a Eleição feita pelos macotas e
povo do Estado de Caculo Cahahenda da Província dos
Dembos: Nomeio para Dembo do mesmo Estado por
falecimento do anterior, a Dom Francisco João*

²³ TAVARES, Ana; SANTOS, Catarina (Ed.). Op. Cit. p.103

²⁴ DIAS, Jill. Op. Cit. p.51

Sebastião Cheque, o qual Estado governará em quanto Sua Magestade A Rainha, não mandar o contrario, e eu entender convir ao serviço Nacional e Real, sugeitando-se a pagar os Dizimos, como lhe cumpre e esta determinado, e prestar todos os serviços que as necessidades publicas exigirem promovendo com actividade a cultura do algodão tabaco, caffè e arroz nas suas terras, afim de merecer a denominação de Subdito Portuguez e fiel vassalo de Sua Magestade Fidelissima. E por firmeza de tudo lhe mandei passar o presente por mim assinado e selado com o Sello das Armas Reaes, e que será Registrado nas competentes Repartições Palacio do Governo em Loanda, aos 9 de Fevereiro de 1848 P.A. da Cunha G.G.

Diploma de confirmação de Dembo do Estado de Caculo Cahahenda passado a favor de Dom Francisco João Sebastião Cheque Por Despacho de S.Ex^a de oito de Fevereiro de 1848.

Francisco Joaquim da Costa e Silva S. GI do Governo – a fez escrever.²⁵

Nota-se que era uma das atribuições do Dembo Caculo Cahahenda incentivar o cultivo do café, arroz, algodão e tabaco entre os habitantes do território controlado por ele. Obviamente que a coroa portuguesa tinha um interesse no incentivo a essas culturas porque elas seriam comercializadas com Portugal e talvez aumentassem seus rendimentos.

O tabaco era uma moeda de troca local muito cultivado pelas mulheres no interior de Angola. O café era o produto mais valioso de exportação em Angola até 1898, época em que foi superado pela borracha de Benguela. Três quartos do café exportado de Angola eram colhidos e preparados pelos Dembos, mubire²⁶ e hungu²⁷. E os Dembos tinham um lucro duplo com o café já que também arrecadavam impostos sobre o café que os comerciantes hungu atravessavam nos rios Dande, Lifune e Nzenza²⁸. O arroz era a base alimentar de alguns grupos da África e o algodão era vendido não só para o comércio europeu mais também para o africano, pois em alguns lugares da África central já existiam indústrias têxteis.

Como é notório, esta é uma carta de reconhecimento da nomeação, feita no dembo pelos macotas²⁹, sobas e quimbares³⁰, de Dom Francisco João Sebastião Cheque

²⁵ TAVARES, Ana; SANTOS, Catarina (Ed.). Op. Cit. p. 145

²⁶ Mubires são referidos por David Magno como uma espécie de ciganos. Já outros autores dizem que a palavra se refere a uma raça ou família que se dedica ao ofício de ferreiro e trabalha em tendas volantes nas feiras do sertão.

²⁷ Hungu eram povos que teriam surgido da desagregação do Estado Ndembo de Caculo Cahahenda.

²⁸ DIAS, Jil. Op. Cit. p.70

²⁹ Macotas são conselheiros ou ministros de dembo, soba ou jagga.

passada pelo representante luso a fim de legitimar a eleição e reconhecer o título que este homem recebeu. Toda vez que havia uma eleição para escolher um novo Dembo Caculo Cahenda (título) o resultado desta era enviado ao Governador de Angola ou algum outro representante luso para que a decisão fosse legitimada e/ou reconhecida.

Uma pratica recorrente na relação entre o Dembo Caculo Cahenda e os Governadores Gerais de Angola e outros secretários de governo era a troca de presentes. Como indica este trecho:

Recebj o porco e a mutaca de fubá de milho que lhe mandou oferecer, e agradeço a sua lembrança. Remetto-lhe uma garrafa d'aguardente para matar o bixo, assim como três cadernos de papel, Galho, e Caparozza, que pede p^a sua escripta.³¹

Segundo John Thornton na Costa do Ouro os presentes dados pelos portugueses aos governadores locais foram aos poucos se tornando uma taxa anual de aluguel, embora sempre com a conotação de presente³². E os Estados africanos estavam sempre dispostos a retribuir os presentes, às vezes com presentes até mais valiosos do que o recebido, tudo isso para estabelecer uma relação especial entre eles e os europeus com quem comerciavam³³. Talvez possa se este o significado que a troca de presentes entre as autoridades lusas (governadores e secretários de Angola) e os Dembos (chefes africanos) assumia, mas ainda não sabemos ao certo o significado desta troca de presentes.

Reitero a ideia de que nem sempre a relação entre Dembos e autoridades lusas permaneceu amistosa, essa relação mudava de acordo com que mudava os interesses da coroa portuguesa na região dos dembos e nos serviços que estes podiam lhes oferecer. Além de fornecer homens para ajudar o exército português, estabelecer comércio e ajudar nos aldeamentos, os Dembos forneciam carregadores aos Governadores de Angola. Os carregadores faziam parte das comitivas dos chefes, nas suas deslocações, motivadas pelas mais diversas razões. Os mercadores também precisavam de carregadores para suas expedições. Porém o trabalho de carregador não era bem visto

³⁰Quimbares esse termo sofre alterações de significado ao longo do tempo, mas neste caso aplica-se o significado de título político.

³¹TAVARES, Ana; SANTOS, Catarina (Ed.). Op. Cit. p158

³² THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo Atlantico, 1400-1800**. Tradução: Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p.116

³³ Idem

por grande parte do povo devido aos maus tratos empregados no tratamento dado a estes pelos comerciantes brancos, forçando os carregadores a enormes cargas em troca de pouca ou mesmo nenhuma remuneração³⁴. O tema é recorrente na documentação que temos em mãos, vejamos:

*Dé ordem minha como Delegado da Coroa sirva de q^{to} antes enviar p^a esta rezidencia a renda dos Carregadores, que vs há obr^o apresentar p^a o serv^o desta d^a Rezidencia mençalmente, de que faço, responsável, se p^r acazo deixar de dar cumprim^{to} acazo desta ord.*³⁵

Esta não é uma missiva direcionada ao Dembo Caculo Cahenda, é uma circular sobre a renda de carregadores remetida a todos os Dembos. Nota-se que prestar o fornecimento de carregadores para o comercio colonial era uma obrigação dos povos avassalados que os Dembos insistiam em não cumprir, o que justifica o envio da circular a todos os Dembos.

Em 1856, uma legislação determina a abolição total da função de carregador. Alguns chefes africanos não gostaram da determinação, pois acreditavam que tal determinação poderia gerar uma ociosidade entre seu povo. Logicamente que este discurso da “ociosidade” estava vinculado à diminuição dos lucros que o fim do controle sobre o fornecimento de carregadores geraria entre alguns chefes africanos.

Considerações finais

Espero que este artigo tenha despertado no leitor o interesse de conhecer melhor a história de Angola, das relações afro-portuguesas e dos Dembo, em especial do Dembo Caculo Cahenda, um título que tem uma duração aproximada de 400 anos.

Tentei mostrar que os escritos históricos estão se renovando, na medida em que a metodologia para uma escrita da História da África vem se aprimorando e utilizando várias fontes de modo cruzado e pensando novas técnicas para este estudo. Também espero ter mostrado um bom exemplo de fontes diferentes que se completam com os documentos disponíveis para o estudo do Dembo Caculo Cahenda e dos Dembos, de modo geral.

³⁴ DIAS, Jill. Op. Cit. p.54

³⁵ TAVARES, Ana; SANTOS, Catarina (Ed.). Op. Cit. p137

Com a apresentação de algumas das cartas disponíveis espero ter mostrado para o leitor que através das decifrações é que começa a surgir e ser escrita a história dos homens que escreveram estes documentos que hoje lemos. As reflexões aqui apresentadas são apenas os primeiros passos de uma pesquisa que visa desvendar: a história desta região, desta chefatura, dos habitantes dos dembos, a aplicação do contrato de vassalagem firmado entre as autoridades portuguesas e africanas e a relação que se dava entre estas autoridades, as relações entre Dembos e Sobas e entre os próprios Dembos, a relação dos Dembos com a escravidão e com o comércio de escravos e ainda tentar perceber os significados e a importância de determinados presentes que foram trocados entre os Dembos e as autoridades portuguesas. Pesquisar a história dos Dembos e das suas relações nos leva a um universo muito maior, indiretamente entraremos na história de Angola, Congo e Portugal para aqui citar um pouco do contexto geral.

Sei que muitos assuntos ficaram sem discussão adequada e/ou suficiente e termino este artigo, como sugere Alberto da Costa e Silva a Felipe de Alencastro, com uma passagem de Camões: “sua canção já ia longa e que, por mais que fizesse, não caberia a água do mar em tão pequeno vaso”.³⁶

Fontes primárias

ALMEIDA, João de. **Operações Militares nos Dembos em 1907**. Lisboa: Tipografia Universal, 1909.

BALSEMÃO, Eduardo. **A Guerra dos Dembos**. Luanda: Imprensa do Governo, 1872.

COUCEIRO, Paiva. **Angola. Dois anos de governo, Junho de 1907 a Junho de 1909**.

GALVÃO, Henrique. Dembos. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1935. **História e comentários**. Lisboa: Edições Gama, 1948.

MAGNO, David. **Os Dembos nos Anais de Angola e Congo (1484-1912)**. Separata da Revista Militar de 1916-17. Lisboa: Tipografia Universal, 1917.

_____. **Etnografia de povos de Angola**. Porto: Imprensa Portuguesa, 1921.

_____. **Guerras Angolanas. A nossa acção nos Dembos**. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1937.

³⁶ SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed.UFRJ, 2003. p.90

MONTECÚCCOLO, João (1965). **Descrição Histórica dos três Reinos. Congo Matamba e Angola**. Tradução: Padre Graciano Maria de Leguzzano. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. Vol. I e II.

RESENDE, Manuel de. **Ocupação dos Dembos – 1615 –1913**. Cadernos Coloniais Nº 61. Lisboa: Edições Cosmos, 1930.

SANTOS, Catarina; TAVARES, Ana (Ed.). **Africae Monumenta. A Apropriação da Escrita pelos Africanos, Arquivo Caculo Cahenda**. Lisboa: Ministério da Ciência e do Ensino Superior e Instituto de Investigação Científica Tropical, 2002. Vol. I.

Referências bibliográficas

DIAS, Jill. **Mudanças nos padrões de poder no “hinterland” de Luanda: o impacto da colonização sobre os Mbundu (c. 1845-1920)**. Lisboa: Penélope Estudos, 1994

FARIA, Francisco Leite de. Introdução. In: MONTECÚCCOLO, João (1965). **Descrição Histórica dos três Reinos. Congo Matamba e Angola**. Tradução: Padre Graciano Maria de Leguzzano. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. Vol.I e II.

MAGNO, David. **Guerras Angolanas. A nossa acção nos Dembos**. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1937

MARRACHO, António José Machado. **Revoltas e Campanhas nos Dembos (1872-1919). 47 Anos de Independência às Portas de Luanda**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2008. Dissertação (mestrado)

SANTOS, Catarina Madeira. **ESCREVER O PODER: Os autos de vassalagem e a vulgarização da escrita entre as elites africanas ndembu**. **Revista de História** 155. 2º semestre 2006, p.81-95.

SANTOS, Maria Emília Madeira. **Prefácio**. In: SANTOS, Catarina; TAVARES, Ana (Ed.). **Africae Monumenta. A Apropriação da Escrita pelos Africanos, Arquivo Caculo Cahenda**. Lisboa: Ministério da Ciência e do Ensino Superior e Instituto de Investigação Científica Tropical, 2002. Vol. I.

SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed.UFRJ, 2003

THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800**. Tradução: Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.